



AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: ESTUDO DE CASO SOBRE UMA CRIANÇA DE 7 ANOS

Adrielle Bezerra Miranda ¹

RESUMO

Estudar a aquisição da linguagem possui uma grande importância para compreender o seu desenvolvimento durante os anos iniciais da criança. A linguagem é essencial para o ser humano. Ela possibilita um melhor desenvolvimento social, psicológico e intelectual, haja vista a função social dela. A literatura tem demonstrado dificuldades no decorrer da aquisição da linguagem nos primeiros anos de vida de uma criança, em decorrência de diversos fatores, tais como: hereditários, problemas orgânicos e/ou distúrbios emocionais. Neste sentido, entende-se a relevância de estudos nesta área tendo em vista que ainda é uma temática que precisa ser mais estudada tendo como base, além das teorias, a própria criança. A pesquisa visa investigar o processo de aquisição da linguagem de uma criança de sete anos, partindo de seu nascimento. Como objetivos específicos, pretende-se descrever o desempenho linguístico desta criança, conforme as fases de desenvolvimento da linguagem e avaliar esse desenvolvimento. Este trabalho caracteriza-se por ser um estudo descritivo do tipo Estudo de Caso sobre como se deu a aquisição da linguagem de uma criança de sete anos. As informações foram obtidas por meio de uma entrevista com a mãe, responsável pela criança, a partir de nove questões abertas. Os dados foram analisados, utilizando-se do método dedutivo, numa abordagem qualitativa. Ao final do estudo, foi possível concluir que a criança constrói significados diante de interações sociais por meio da língua e linguagem, se constituindo como sujeito com capacidades cognitivas para criar sentenças e interagir socialmente por meio delas.

Palavras-chave: Aquisição, Linguagem, Língua, Infância.

INTRODUÇÃO

A linguagem é uma das grandes riquezas do mundo e é por meio dela que as pessoas expressam opiniões, interagem e se comunicam entre si. Aprender uma língua é algo extraordinário, e essa capacidade apenas os seres humanos desenvolvem, o que os diferem dos animais.

Podemos entender a linguagem como o mecanismo que utilizamos em nossa vida para transmitir conceitos, ideias, pensamentos e sentimentos. Trata-se de um processo que envolve a interação. Ademais, qualquer conjunto de signos ou sinais pode ser considerado uma forma de linguagem (VIOTTI, 2008).

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), adriellemiranda371@gmail.com.



A linguagem está muito presente em nossas vidas, por isso é essencial para um bom desenvolvimento de interação com o meio. Por meio da linguagem construímos significados, nos posicionamos e argumentamos criticamente.

Sendo assim, se torna fundamental um bom desenvolvimento na aquisição da linguagem de uma criança, pois, muitas vezes, esse processo se torna curioso, já que a criança na fase de aquisição da linguagem possui muita facilidade e rapidez para aprender a língua de sua comunidade em comparação a um adulto.

É necessário destacar, também, que a linguagem assume uma função fundamental por, principalmente, constituir o pensamento humano e não apenas por permitir a possibilidade de comunicação entre os indivíduos mediante o estabelecimento de significados compartilhados. Produzir a linguagem da consciência e do pensamento está misturada diretamente na origem, à atividade produtiva, à comunicação material dos homens (LEONTIEV, 2004, p. 93).

A aquisição da linguagem se divide em dois estágios. O pré-linguístico, no qual a criança usa os sons para se comunicar, mas sem palavras. Nessa fase é muito comum o choro para se expressar. Posterior a essa fase do choro, temos os balbucios que ocorrem dos 6 meses aos 10 meses de idade, como exemplo, ma-ma, pa-pa, etc.

No primeiro estágio, do nascimento aos seis meses de idade, a criança já pode se comunicar por meio do choro, dos balbucios, arrulhos (emissão de som gutural, semelhante ao som dos pombos) e vão ganhando cada vez mais significados para a mãe. Os olhares, posturas, expressões faciais também ganham mais significado. Por exemplo, é pelo choro que o bebê expressa suas necessidades, como por exemplo em relação à fome, sede, desconforto e etc.

O outro estágio é o linguístico. Aqui é onde irão ocorrer as primeiras palavras, de mais fácil compreensão, como “quero comer” e, geralmente, uma palavra tem significado para uma frase. É esperado que entre os 2 e 3 anos as crianças comecem a desenvolver as primeiras noções de sintaxe, passando a compreender as regras gramaticais. A partir dos 6 anos, a criança já tem um domínio maior da língua e, por isso, ela fala frases mais extensas, tentando fazer o uso adequado da gramática da língua, com certas conjunções, mais básicas.

Nesse processo de aquisição da linguagem pela criança, podem surgir algumas dificuldades como o desvio fonológico. Esse desvio fonológico é caracterizado pelas alterações ocorridas na fala da criança, na qual ela realiza uma produção inadequada dos

fonemas, assim como o uso inadequado das regras da fonologia da língua. Um exemplo muito comum é a troca da letra R pela L em palavras como “planta” por “pranta”.

Também se tem o atraso da língua, referente a progressão da linguagem, que se processa na sequência correta. Todavia, em ritmo mais lento, tendo o seu desempenho semelhante ao de uma criança de idade inferior. Em muitos casos é considerado algo normal que pode ocorrer.

Essa dificuldade de linguagem tem uma origem diversa e pode envolver fatores orgânicos, intelectuais/cognitivos e emocionais, ocorrendo, na grande maioria das vezes, uma inter-relação entre esses fatores.

Outra dificuldade é a fluência e, nesse caso, temos como especificidade a gagueira, que é a repetição, alongamentos e bloqueios de sons.

A taquifemia trata-se de um distúrbio da fluência, onde os segmentos da conversação do falante na sua língua materna são percebidos como ditos de forma muito rápida, irregular, e/ou ambos. Os segmentos da fala rápida ou irregular, geralmente, são acompanhados por um ou mais dos seguintes sintomas: as disfluências comuns excessivas (acima de 8-10%), a omissão de sílabas e/ou pausas, estresse silábico e/ou ritmo de fala anormais.

A taquilalia é caracterizada por uma taxa de articulação (velocidade de fala) elevada, suficientemente intensa para prejudicar a inteligibilidade da mensagem. Não ocorre aumento significativo no número de hesitações/disfluências comuns ou gaguejadas.

Por último temos a dificuldade para expressar o pensamento, ideias certas, no momento oportuno, conhecida como alterações semântico-pragmáticas, o que torna difícil até para se compreender uma metáfora. (MOUSINHO, *et al*, 2008)

Estudar a aquisição da linguagem é importante pois ela objetiva explicar o modo como o ser humano parte de um estado que não possui nenhum tipo de expressão verbal e, de forma natural, internaliza a língua da comunidade a qual pertence nos primeiros anos de sua vida, sem que haja a necessidade de uma aprendizagem formal, adquirindo um modo de expressão e de interação social dela dependente.

Diante desses aspectos mencionados e da importância da temática proposta, este trabalho tem por objetivo geral investigar como se deu a aquisição da linguagem de uma criança de sete anos, desde o seu nascimento. E como objetivos específicos: descrever o desempenho linguístico da criança segundo as fases de desenvolvimento da linguagem; e identificar dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem, tais como: atraso, desvio fonológico, distúrbio específico da linguagem, fluência, dentre outros.



REFERENCIAL TEÓRICO

Por meio da linguagem, nós, seres humanos, podemos expressar vontades, opiniões e trocar informações entre sujeitos, o que a torna um componente muito importante em nossa vida. Por meio dela, podemos nos manifestar de variadas formas: pela linguagem oral, pela não verbal, pela linguagem escrita, etc. (DALLA VALLE, 2011).

O ser humano se modifica na interação e relação com outros indivíduos de nossa sociedade e na interação, também, com a natureza. Porém, não se trata de uma relação direta. Para realizar suas atividades e sobreviver, o homem faz uso de instrumentos que são objetos físicos para agir no trabalho, e os signos.

Dessa maneira, haja vista que a linguagem é um sistema de signos que emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra com o intuito de atender a necessidade de comunicação entre os seres humanos, os signos só emergem, sendo essa consciência individual repleta de signos (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2009, p. 32).

As formas de linguagem são manifestações humanas, porque elas objetivam a comunicação de algo. Com isso, os símbolos e desenhos também constituem elementos da linguagem. Nesse sentido, a linguagem é vista como a primeira forma de socialização da criança, sendo executada de maneira explícita por meio dos pais através de instruções verbais durante as atividades do dia a dia, assim, como através de histórias que expressam valores culturais.

Essa perspectiva alinha-se com a visão de Bakhtin/Volochinov (2009), que enfatizam a natureza social e interativa da linguagem, destacando que a comunicação é um fenômeno essencialmente humano emergente das interações sociais.

A abordagem da linguagem como a primeira forma de socialização da criança é respaldada por teóricos do desenvolvimento, como Vygotsky (2001), que enfatiza a importância das interações sociais na aquisição da linguagem e no desenvolvimento cognitivo. O reconhecimento de que os pais desempenham um papel explícito nesse processo, fornecendo instruções verbais durante as atividades cotidianas e compartilhando histórias que transmitem valores culturais, reflete a compreensão de que a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um veículo para a transmissão de conhecimentos e normas culturais.



A aquisição da linguagem, segundo Vygotsky (2001), na criança ocorre por causa da interação dela com o ambiente a qual o cerca e que a permite realizar contato com outros indivíduos pertencentes daquela sociedade. É por meio da linguagem que conseguimos viabilizar a comunicação e a vida em sociedade. A partir dessa compreensão, a criança irá aos poucos construindo seu pensamento e sua linguagem, ampliando sua capacidade cognitiva e seu desenvolvimento humano.

Além disso, Vygotsky (2001) introduz o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que representa a distância entre o que a criança pode fazer independentemente e o que pode realizar com o auxílio de um adulto ou companheiro mais capaz. Durante a ZDP, a criança adquire novas habilidades e conhecimentos, superando desafios com o suporte de outros. Isso ressalta a importância do papel do adulto como mediador, oferecendo orientação e apoio para que a criança alcance seu máximo potencial.

Assim, a teoria de Vygotsky ressalta que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento não é um processo isolado, mas sim integrado às interações sociais e culturais, moldando a trajetória cognitiva da criança e contribuindo para sua plena participação na sociedade.

A teoria interacionista postula a importância da interação verbal entre adultos e crianças, compreendendo o desenvolvimento da linguagem e do pensamento por meio de relações sociais externas, como trocas e diálogos. Essa abordagem, denominada sociointeracionismo, destaca a aprendizagem decorrente das interações com os outros. No processo de aquisição da linguagem, o adulto desempenha um papel essencial, atuando como mediador entre as informações assimiladas pelas crianças do ambiente circundante. Nesse contexto, a fase de transição entre a capacidade de realizar tarefas de forma independente e aquelas que ainda exigem assistência é conhecida como zona de desenvolvimento proximal. Durante essa fase, as crianças aprendem com os adultos aquilo que em breve serão capazes de fazer autonomamente. As informações provenientes do ambiente externo são internalizadas pelas crianças, passando por um processo de reelaboração e transformação em uma linguagem interna e individual.

Dessa forma, conclui-se que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um fio condutor essencial para a construção do pensamento, a interação social e o desenvolvimento humano. Seja na comunicação cotidiana, na transmissão de valores culturais ou no processo de aprendizagem, a linguagem desempenha um papel central na vida humana, moldando e enriquecendo nossa experiência no mundo. Ademais, para a



formação e desenvolvimento da criança, a linguagem é tida como elemento essencial, possibilitando e permitindo que ocorra a interação social e organizando o pensamento.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir de uma entrevista com uma mãe, que chamaremos aqui de Cássia, para preservar sua identidade. Ela respondeu às questões baseadas em sua experiência com seu filho Lucas (nome fictício) que, hoje, tem sete anos de idade. A criança mora na região metropolitana de Belém (PA), juntamente com seus pais.

A pesquisa se fundamenta em um estudo descritivo, que se focaliza em conhecer e estudar as características de um grupo, se voltando para questões como idade, sexo, escolaridade, saúde mental e física, etc. (GIL, 2010). Na pesquisa descritiva, se implementa o estudo, o registro, a análise e a interpretação das ocorrências da realidade, sem que haja a interferência do pesquisador, haja vista que ele tem por objetivo analisar e descrever os dados, mas não interferir no conteúdo desses dados.

Quanto ao tipo de pesquisa, compreende-se como um Estudo de Caso, que se trata de uma análise holística mais completa possível do objeto de pesquisa, que admite uma unidade social na sua totalidade, podendo ser um indivíduo, uma comunidade ou uma instituição. O objetivo desse tipo de pesquisa é compreender esses atores em suas condições (GOLDENBERG, 2011).

Para o levantamento dos dados, foi utilizado como técnica de coleta a entrevista presencial entre a pesquisadora e a mãe da criança. Na entrevista, se fez o uso do questionário que é um instrumento de coleta e validação de dados. O questionário é composto por nove questões abertas, divididas em quatro fases: do nascimento até os seis meses, dos seis meses a um ano, de um ano a dois anos e de dois anos a seis anos. Tais questões discutem sobre os seguintes aspectos: 1) o desenvolvimento da linguagem da criança durante a primeira fase; 2) o desenvolvimento da linguagem da criança durante a primeira segunda fase; 3) o desenvolvimento da linguagem da criança durante a terceira fase; 4) como a criança realizava sua comunicação nessa fase; 5) quais exemplos a mãe poderia citar sobre a comunicação da criança; 6) quais dificuldades eram percebidas, se houvessem; 7) quais eram as dificuldades percebidas pela mãe durante a quarta fase no desenvolvimento da linguagem da criança; 8) como a criança interagiu durante essa fase; 9) como, atualmente, está o desenvolvimento da linguagem dela.



Como método de abordagem utilizou-se a pesquisa qualitativa, que se interessa com o nível de realidade que não se pode quantificar, assim ela trabalha com uma infinidade de significados, anseios, valores, crenças e condutas (MINAYO, 2014).

No que tange o método de análise de dados, o trabalho utilizou o método dedutivo que parte de algo geral para mais específico por meio de princípios, leis ou teorias, vistas como verdadeiras e inquestionáveis, prevê acontecimentos de eventos particulares baseados na lógica. (PRODANOV e FREITAS, 2013).

Para a realização deste estudo, a responsável pela criança foi informada por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) acerca dos objetivos deste trabalho, assim como o esclarecimento da garantia do anonimato e sigilo das informações prestadas para a pesquisa, no qual foi confirmado aceite de participação mediante a sua assinatura.

O critério para a seleção da criança participante, foi esta ter idade entre cinco e sete anos, pois é mais fácil para o seu responsável no caso a mãe lembrar de sua aquisição da linguagem.

A coleta de dados foi realizada da seguinte maneira. Primeiro foi realizada a preparação das perguntas que seriam feitas para a entrevistada e o Termo de Consentimento. Com tudo pronto, fui até a casa da participante da pesquisa para realizar a entrevista e obter a assinatura para o termo, no dia escolhido por ela, onde tínhamos um bom tempo para conversar e um ambiente tranquilo para a realização da entrevista.

As perguntas foram feitas oralmente pela entrevistadora e respondidas, também, de modo oral, sendo as respostas gravadas no celular e anotadas em um caderno, para que não se perdesse nenhuma informação relevante para a pesquisa

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira fase, temos a pergunta feita à Cássia a respeito de Lucas sobre o desenvolvimento da linguagem nos primeiros seis meses de vida dele.

A mãe explica que, nessa fase, seu filho interagiu bastante com os pais, os estímulos eram as caretas feitas por eles para a criança, algumas vezes ele sorria e em outras ele chorava em respostas aos estímulos. Além disso, no relato da mãe, a criança chorava quando queria mamar também e dormir. Segundo a mãe, quando Lucas estava no colo de outra pessoa, ele chorava e jogava os braços em direção dos pais, sinalizando que não queria aquela pessoa, apenas os pais.

Essa fase é importante pois, de acordo com uma série de estudos com bebês muito novos (desde recém-nascidos até bebês com 12 meses de vida), desde os primeiros dias de vida os bebês demonstram uma impressionante sensibilidade às propriedades e estruturas da fonologia das línguas naturais (GROLLA, 2014).

Outro ponto a ser destacado pela mãe é que Lucas, nessa fase, preferia a voz dos pais a de estranhos como os parentes. Ele não respondia a estímulos de pessoas fora do convívio familiar. Cássia também relata que nessa fase ele fazia uns barulhos que seria como achar graça de algo.

É interessante ressaltar o modo como Lucas se comunicava pelo choro e sorrisos. Nos primeiros meses de vida, se tem o início do estágio pré-linguístico, o bebê começa a demonstrar reações instintivas, nesse estágio de desenvolvimento, a comunicação inicia-se pelo choro, sorriso, grito, bocejo, gemido entre outros, que em geral são funções relacionadas às práticas fisiológicas do bebê (CAIRUGA, *et al*, 2014).

Outra questão é a familiaridade de Lucas com os pais e o retraimento com pessoas fora do convívio dele, pois o bebê já consegue identificar a voz dos pais, de pessoas que convivem com ele ou que teve um contato expressivo durante a gestação, nesse caso destaca principalmente a mãe, esse contato assegura conforto a criança (CAIRUGA, *et al*, 2014).

A segunda pergunta segue a mesma ideia da anterior, entretanto, foca na segunda fase, entre os seis meses e um ano de idade. A entrevistada conta que, durante esse estágio, Lucas já realiza sons mais significativos e a entender quando estava sendo chamado pelo seu nome. Cassia exemplifica que ele *soltou um mama e papa*, acontecendo com bastante frequência a partir dessa fase.

Sobre essa fala de Lucas, sua mãe acrescentou que, devido o pai trabalhar o dia inteiro e por, às vezes, sair em viagens de longa duração no trabalho, cerca de 2 a 4 meses, seu filho acabou por falar primeiro o *mama*. Ela acredita ser por ela estar mais presente e por ser quem interagia mais com ele.

Outro ponto colocado por ela foram as brincadeiras com sons. Segundo ela, Lucas *começou a brincar mais nessa fase também, aquelas brincadeiras que a gente faz com a boca fazendo uns barulhos diferentes*. O menino, também, começou a ter uma interação melhor com seus tios, avós e primos, os aceitando mais quando interagem com ele, tanto para fazer brincadeiras como para passar um tempo cuidando dele.

Diante desse contexto, surge a indagação sobre os mecanismos envolvidos na aquisição da linguagem e quais fatores exercem influência nesse procedimento. Conforme



a perspectiva de Piaget (1983), o conhecimento é um processo contínuo que se desenrola por meio da interação da criança com os objetos de estudo, isto é, pela dinâmica entre sujeito e objeto. Cada nova experiência pode desencadear a aquisição de conhecimentos, configurando um ciclo incessante. A participação ativa da pessoa, assim, propicia a aprendizagem sobre o mundo, e ao agir sobre os objetos, tanto os objetos quanto os sujeitos se transformam.

Nesse contexto, é pertinente considerar as implicações dessa dinâmica entre sujeito e objeto na formação de habilidades linguísticas específicas. A aquisição da linguagem, dentro da visão piagetiana, não apenas reflete a construção contínua do conhecimento, mas também está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento cognitivo mais amplo da criança. No processo de interação com os objetos linguísticos, como palavras e estruturas gramaticais, a criança não apenas assimila informações, mas também ajusta suas estruturas mentais para acomodar e compreender conceitos linguísticos mais complexos.

Além disso, é relevante explorar como a interação social, um componente fundamental na teoria de Piaget, influencia a aquisição da linguagem. A participação ativa da pessoa não ocorre em um vácuo, mas sim em um contexto social, onde a troca de significados e a comunicação desempenham um papel essencial. Estudos subsequentes, como os de Vygotsky, destacaram a importância da linguagem na mediação das interações sociais e, por conseguinte, na construção do conhecimento e no desenvolvimento da linguagem.

Dessa forma, a análise detalhada da dinâmica sujeito-objeto no contexto linguístico pode fornecer percepções valiosas sobre como os mecanismos piagetianos se manifestam na aquisição da linguagem. Compreender como cada nova experiência linguística contribui para esse ciclo incessante de aprendizado pode enriquecer nossa visão sobre o desenvolvimento infantil e abrir caminho para abordagens educacionais mais eficazes.

Esse relato está em consonância com o pensamento de Tavares (2018), que explica sobre esse estágio da criança, afirmando que aos seis meses, o bebê começa a usar uma consoante com vogal, produzindo sílabas simples, como, por exemplo, papa, mama, bubu (TAVARES, 2018).

Na terceira fase, temos perguntas acerca de como foi o desenvolvimento da linguagem nessa idade de um ano a dois anos, de como era sua comunicação com os outros, se a mãe pode dar algum exemplo e, por último, se Lucas teve alguma dificuldade nessa fase.



Antes, é interessante destacar que, conforme Grolla (2014), é nesse período que a criança começa a fazer combinações de duas palavras. A autora afirma que podemos considerar enunciados do tipo “auau nanar” como “sentenças”, que possuem significado de sentenças completas, pois a criança está tentando dizer que o cachorro está dormindo, nesse exemplo (GROLLA, 2014)

A mãe explica que ele falava poucas palavras como “aga” apontando para o bebedouro, pedia para comer ou para brincar, na ocasião Lucas falava “bo bincar”. Cássia explica que já entendia bem mais o que seu filho dizia, como exemplo dessa comunicação de Lucas, a mãe fala que era comum ele apontar para as coisas que ele queria. Quanto às dificuldades, a criança tinha para pronunciar a primeira sílaba do nome do tio que começa com “fla”, Lucas omitia o L e pronunciava só o “fa”, ou quando falava prato dizia “pato”, ou brincar “bincar”.

Conforme o que Cássia relata sobre as poucas palavras de seu filho como água, segundo Grolla (2014), a criança normalmente utiliza uma palavra como uma sentença completa para se comunicar, então ao dizer “aga” se entende “eu quero água”, por exemplo. Nessa fase por volta de um ano de idade se tem a utilização de gestos como apontar para as coisas para ser compreendido. Lucas também começa a combinar duas palavras como em “bó brincar” que já se considera uma sentença. É nessa fase que a criança começa a expandir o vocabulário rapidamente (GROLLA, 2014).

As crianças empregam uma variedade de estratégias quando enfrentam dificuldades na emissão de palavras, recorrendo a procedimentos de simplificação. Esse procedimento é intrincado e demanda tempo, não sendo as crianças obrigadas a dominar os segmentos e as sílabas simultaneamente na mesma faixa etária.

É relevante ressaltar que o uso de gestos, como apontar para objetos, durante essa fase não apenas complementa a comunicação verbal, mas também reflete uma compreensão crescente das ferramentas comunicativas disponíveis para a criança. Além disso, é pertinente explorar como esses gestos podem desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento das habilidades sociais e na construção de conexões entre a linguagem verbal e não verbal.

Quanto aos processos de simplificação utilizados pelas crianças quando enfrentam dificuldades na produção de palavras, é crucial ampliar a compreensão sobre esses mecanismos. Dessa forma, compreender a natureza complexa e demorada desse processo de simplificação pode informar práticas pedagógicas e intervenções que favoreçam o desenvolvimento linguístico saudável nas crianças.

Portanto, ao explorar essas nuances do desenvolvimento linguístico infantil, não apenas aprimoramos nossa compreensão teórica, mas também abrimos caminho para estratégias mais eficazes na promoção da comunicação e expressão linguística nas fases iniciais da infância.

Quanto a dificuldade de Lucas ao pronunciar vocábulos como prato e emitir “pato” é normal nessa fase, pois são os chamados por Grolla (2014) “erros”, como as mencionadas acima e, pode ocorrer, também, as formas de passado “eu fazi” e “eu trazi”, produzidas por crianças adquirindo o português. Tais “erros” são na verdade indícios de que a criança aprendeu a regra de formação do passado em português. Nesse caso, a criança compreende o certo a se dizer, todavia ela ainda não consegue articular todos os fonemas.

Sobre a quarta fase, foram realizadas três perguntas, sendo elas sobre as dificuldades do Lucas em seu desenvolvimento linguístico, sua interação nessa fase e sobre seus dias atuais em relação à linguagem. Cássia, a mãe, relatou que ele era bastante falante, fazia bastante perguntas e *queria contar a história, chamava eu e o pai dele, os tios e primos também, para ele contar o que tinha assistido, ou para brincar*. Nesse estágio, segundo a mãe, ele já pronunciava e articulava bastante bem as palavras. Ademais, ela cita, também, que seu filho estava imitando coisas que ele ouvia de colegas na escola, dizendo que ele *“começou a usar umas palavras engraçadas para ele, tipo dizer relaxa quando a gente ralhava que ele tava fazendo arte brincando, que acho que deve ter aprendido na escola com os coleguinhas”*.

O que ocorre aqui é o que a Grolla (2014) chama de imitação. A autora propõe que as crianças aprendem a linguagem imitando o que os adultos dizem, na tentativa de repetir aquilo que elas ouvem, porém, nesse caso, ela acabou por imitar o que seus amigos falam na escola (GROLLA, 2014).

Entretanto, como será explicado mais a frente, as crianças produzem e entendem um número infinito de sentenças, o que corrobora para afirmar que a imitação não tem uma importância central no processo de aquisição de linguagem e isso por si só não pode explicar tal processo (GROLLA, 2014).

Sobre a última pergunta, a de como o desenvolvimento da linguagem do Lucas está atualmente, Cássia afirma que ele não para de falar, utilizando, inclusive, de argumentos para tentar convencer alguém sobre o seu desejo. Ela exemplifica sobre quando ele quer ir à casa do tio, onde ele argumenta que não demorará tanto, que logo voltará para casa e que irá se comportar.



A partir daqui, percebe-se que Lucas já adquiriu a grande maioria das construções encontradas em sua língua materna (como orações relativas, orações clivadas, perguntas, construções passivas, etc), algo apontado por Grolla (2014) que ocorre nessa idade da criança. Segundo a autora, mesmo que ele tenha um número finito de sentenças adquirido, a criança já torna-se capaz de produzir uma infinidade delas, pois ela já possui um conjunto de regras que a permitirá gerar sentenças novas, inclusive, sentença nunca antes ouvida por ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo, foi possível observar que a aquisição da linguagem de uma criança de sete anos, desde o seu nascimento ocorre através de sua interação com outros seres humanos, principalmente com aqueles o qual ela desenvolve afeto, como os pais e demais membros de sua família, aprendendo, não somente a gramática da língua, mas, também, as dinâmicas sociais de linguagem e interação.

Entende-se que o desempenho linguístico da criança passa por fases de desenvolvimento da linguagem, que podem ser evidenciadas neste estudo da seguinte forma. Em sua primeira fase, do nascimento aos seis meses de idade, a criança comunica-se por meio do choro, alguns gestos, balbucios e com sua expressão facial para ser compreendida. Na segunda, dos seis meses a um ano de idade, ela começa a demonstrar balbucios pouco mais compreensivos, palavras de duas sílabas produzidas sem todos os fonemas, como “mama”, “papa” e “aga”. Na fase seguinte, entre um e dois anos de idade, percebe-se uma linguagem em maior desenvolvimento, onde a criança já produz enunciados com duas palavras, conseguindo expressar-se de maneira um pouco mais clara, como “bó bincar” para chamar alguém para brincar com ela. Em sua última fase, entre os dois e seis anos de idade, ela já se torna capaz de produzir enunciados muito mais significativos, realiza perguntas e começa a criar sentenças que nunca ouvira antes, pois já adquiriu um vocabulário maior e internalizou as convenções gramaticais da língua. Importante destacar que a criança ainda possuirá uma pronúncia com “erros”, entretanto, não atrapalharam o entendimento, cabendo aos adultos a ensinarem as pronúncias corretas.

Os equívocos são interpretados como abordagens para assimilar novos conhecimentos por parte dos estudantes. Portanto, destaca-se a importância de fomentar o desenvolvimento das habilidades linguísticas e comunicativas das crianças.

Nesse contexto, a compreensão dos erros como componentes do processo de aprendizado destaca-se como um princípio fundamental no campo educacional. Ao considerar os equívocos como estratégias que sinalizam a busca ativa por entendimento e aquisição de competências, abre-se espaço para uma abordagem pedagógica mais inclusiva e encorajadora. Estimular a capacidade linguística e comunicativa das crianças não apenas fortalece sua autoconfiança, mas também promove um ambiente educacional mais propício ao desenvolvimento integral. A continuidade desse estímulo é crucial para o progresso contínuo e a formação de indivíduos comunicativamente proficientes ao longo de seu percurso educacional.

Além disso, conforme indica a literatura específica sobre a aquisição da linguagem, dificuldades podem ser evidenciadas neste processo, tais como foram obtidas neste estudo, onde a criança possui um desvio fonológico, contudo dentro dos parâmetros considerados normais para sua idade.

Ao final deste estudo, conclui-se que a criança não é um sujeito passivo, mas constrói significados diante de interações sociais por meio da língua e linguagem que vai para além das relações sociais, se constituindo como sujeito com capacidades cognitivas para criar sentenças e interagir com sua da língua por conta própria.

A presença e a interação dos pais, cuidadores e professores durante essa fase são de suma importância, uma vez que desempenham o papel de intermediários entre os estímulos externos e a criança. Assegurar uma base cognitiva e estrutural sólida desde os estágios iniciais do seu desenvolvimento contribuirá para o seu desempenho futuro na escola e nas interações interpessoais, promovendo uma adaptação suave e uma integração positiva na vida escolar.

Apesar de a observação ter sido conduzida de maneira minuciosa e cotidiana, é imperativo reconhecer que a informante é apenas uma fonte de dados, o que impede generalizações. Não obstante, é viável destacar algumas considerações. Evidenciou-se que o desenvolvimento linguístico da criança está mais alinhado com os princípios da teoria sociointeracionista, sendo influenciado pelo estímulo proporcionado pelo adulto, bem como pelos fatores sociais e culturais.

Considerando essas conclusões, é relevante explorar mais a fundo as implicações práticas desses achados no contexto educacional. A ênfase na abordagem sociointeracionista sugere que ambientes de aprendizagem que promovem interações sociais ricas e estimulação verbal por parte dos adultos podem ter um impacto significativo no desenvolvimento da linguagem infantil. Além disso, a atenção aos fatores sociais e



culturais destaca a necessidade de uma abordagem inclusiva que reconheça e valorize a diversidade linguística e cultural, proporcionando às crianças um ambiente enriquecido e sensível ao seu contexto. A continuidade desse tipo de pesquisa pode oferecer insights valiosos para práticas pedagógicas mais eficazes e adaptadas às diversas realidades linguísticas e culturais das crianças.

A análise do levantamento bibliográfico evidencia uma lacuna significativa na pesquisa dedicada à aquisição da linguagem em crianças. A escassez de estudos nessa área aponta para a necessidade premente de uma maior investigação a fim de preencher essas lacunas e avançar nosso entendimento sobre o complexo processo de desenvolvimento linguístico infantil. Aprofundar o conhecimento nesse campo não apenas enriquecerá a base teórica existente, mas também terá implicações práticas e sociais substanciais.

Nesse sentido, investir em estudos adicionais sobre a aquisição da linguagem proporciona uma oportunidade única para aprimorar práticas pedagógicas, aprimorar estratégias de intervenção e desenvolver abordagens mais personalizadas para crianças em diferentes contextos culturais e sociais. Ao compreender melhor os mecanismos envolvidos na aquisição da linguagem, educadores, pais e profissionais da saúde podem implementar estratégias mais eficazes para apoiar o desenvolvimento linguístico infantil desde os estágios iniciais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009

CAIRUGA, Rosana Rego, CASTRO, Marilene Costa de, COSTA, Márcia Rosa de. (orgs.) **Bebês na escola: observação, sensibilidade e experiências essenciais.** – Porto Alegre: Mediação, 2014.

DALLA VALLE, Luciana de Luca. **Metodologia da alfabetização.** Curitiba: Ibepex, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GROLLA, Elaine e Silva, Maria Cristina Figueiredo Silva. **Para conhecer: Aquisição da linguagem.** São Paulo: Editora Contexto, 2014.

LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do Psiquismo.** São Paulo, Centauro, 2004.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MOUSINHO, R. et al. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. **Revista Psicopedagogia** 25 (78) 297-306, 2008.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

TAVARES, Neide Rodriguez Barea. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem**. Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2018.

VIOTTI, E. **Introdução aos estudos linguísticos**. Florianópolis: USP, 2008.

VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.